



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS**

POLIANA TAÍS MARINHO SIPRIANO

GÊNERO E VIOLÊNCIA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

**GUARABIRA
2018**

POLIANA TAÍS MARINHO SIPRIANO

GÊNERO E VIOLÊNCIA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras-
Língua Portuguesa da Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Humanidades, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada na Habilitação de Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof^a. Dr^a. Rosilda Alves Bezerra

**GUARABIRA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S563g Sipriano, Poliana Tais Marinho.
Gênero e violência em Ponciá Vicêncio [manuscrito] / Poliana Tais Marinho Sipriano. - 2018.
45 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras - CH."
1. Identidade. 2. Gênero. 3. Violência. 4. Conceição
Evaristo. I. Título
21. ed. CDD 305.42

POLIANA TAÍS MARINHO SIPRIANO

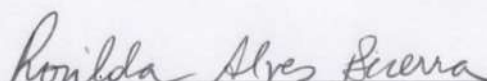
GÊNERO E VIOLÊNCIA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –
Língua Portuguesa da Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Humanidades, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduada na Habilitação de Língua
Portuguesa.

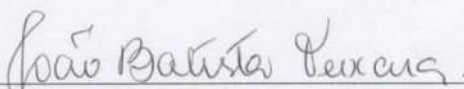
Área de concentração: Literatura Brasileira

Aprovada em: 29/11/2018

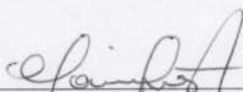
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Dr^ª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. João Batista Teixeira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª Dr^ª Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, meus irmãos, familiares e amigos, pela
dedicação, companheirismo, amizade, luta e
inspiração, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sustentação e sabedoria necessárias para encarar as barreiras existentes durante todo esse processo de graduação

A minha mãe Severina Marinho Soares, que sempre depositou confiança e dedicação desde o início de minha formação.

Aos colegas de classe pelos momentos de diálogo durante toda essa trajetória de lutas, vitórias e perseverança, lotados de amizade e apoio.

À professora Rosilda Bezerra, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores (as) do Curso de Licenciatura em Letras da UEPB, que contribuíram ao longo desses cinco anos, por meio das disciplinas e debates, e, em especial, aos que hoje formam minha banca de defesa.

“Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”. (Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 BREVE EXPOSIÇÃO DAS ESCRITORAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	13
3 ESCRIVIVÊNCIAS: GÊNERO EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i>	20
4 VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA MULHER NEGRA EM <i>PONCIÁ VICÊNCIO</i>	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	43

GÊNERO E VIOLÊNCIA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

RESUMO

Neste trabalho propomos analisar o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) tencionamos apontar questões de Gênero, identidade e violência na obra, e compreender de que forma Conceição Evaristo nos apresenta seu universo literário, tanto na apresentação de sua “escrevivência”, quanto na atuação das personagens de mulheres negras na referida obra. Para tanto, buscamos mostrar como ocorreu o processo de inserção da mulher negra dentro da literatura brasileira (personagem e autoria). Observaremos a busca por uma autoafirmação, e a violência sofrida por mulheres negras na obra. O trabalho resulta a partir de pesquisa bibliográfica, leitura e análise da obra *Ponciá Vicêncio* (2003), textos autobiográficos da autora Conceição Evaristo. O embasamento para constituição desse trabalho está ligado a autores que abordam temáticas como: a trajetória do negro (a) na literatura, identidade, gênero e violência, com o aporte teórico de Domicílio Proença Filho (2004), Eduardo de Assis Duarte, Kabengele Munanga (2010), Pierre Bourdieu (2010) entre outros.

Palavras-Chave: Identidade. Gênero. Violência. Conceição Evaristo.

GENDER, AND VIOLENCE IN *PONCIÁ VICÊNCIO*

ABSTRACT

In this work we propose to analyze the novel *Ponciá Vicêncio* (2003) we intend to point out issues of Gender, Identity and Violence in the work, and understand how Conceição Evaristo presents his literary universe, both in the presentation of his "writing" and in the performance of the characters of black women in this work. To do so, we seek to show how the process of insertion of black women in Brazilian literature (character and authorship) occurred. We will observe the search for self-assertion, and the violence suffered by black women in the work. The work results from bibliographical research, reading and analysis of Ponciá Vicêncio's work (2003), autobiographical texts of the author Conceição Evaristo. The foundation for this work is linked to authors who approach themes such as: the trajectory of the black (a) in literature, identity, gender and violence, with the theoretical contribution of Domicílio Proença Filho (2004), Eduardo de Assis Duarte, Kabengele Munanga (2010), Pierre Boudieu (2010) and others.

Keywords: Identity. Genre. Violence. Conceição Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

É de fundamental importância discutir sobre as questões que envolvem gênero e identidade da mulher negra, escritora e personagem na literatura brasileira. O preconceito e a discriminação em relação à mulher ainda são predominantes em nossa sociedade, pois foram vistas durante muito tempo como um ser inferior, simplesmente pelo fato de ser mulher e ser negra. Logo, desbravar novos espaços dentro dessa sociedade é um processo repleto de obstáculos, o qual requer sensibilidade e compreensão no que concerne às batalhas as quais essas mulheres vêm travando nos seus cotidianos.

Até os dias atuais, os negros (independente do gênero) em nosso país sofrem ainda um descaso social, todavia, em um contexto no qual a mulher tende a ser considerada como inferior ao homem é ainda mais difícil a afirmação, quando além de mulher, se é negra. E quando a mulher negra coloca em prática a sua vivência na escrita, tem que superar as críticas e todo o um aglomerado de situações que a coloca em um patamar menos aceitável, o de estar ocupando o lugar que lhe é devido, porém bastante negado.

Diante dessa discussão, o presente trabalho busca abordar a representação da mulher negra na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da autora mineira Conceição Evaristo.

Para tanto, observaremos o papel que, por muito tempo, foi atribuído à mulher negra dentro da literatura brasileira e dos novos rumos que essas mulheres estão afirmando quanto produtoras de uma literatura engajada nas causas negras. Logo, o primeiro ponto desse trabalho, aborda a questão da autoria das mulheres negras dentro da literatura brasileira com vistas à conquista de seus espaços. Observaremos, como essas mulheres conseguem o espaço que lhes foi tirado por muito tempo. Abordaremos a busca/conquista de espaço da mulher negra a partir da obra Conceição Evaristo, uma escritora contemporânea brasileira que abre caminhos para outras mulheres.

A partir de *Ponciá Vicêncio* (2003) discutiremos de que modo a autora retrata através de suas personagens a realidade das mulheres negras, principalmente no espaço da periferia. Elencamos quatro personagens, principais figuras femininas na obra e analisaremos, individualmente, cada uma delas, apontando os traços de maior representação dessas mulheres. São elas: Ponciá Vicêncio, Maria Vicêncio, Nênga Kainda e Bilisa.

E em um contexto notavelmente desvantajoso para essas mulheres, Conceição Evaristo traz exemplos de como essas mulheres negras conseguiram se afirmar. Mulheres de determinação coragem que conseguiram desbravar novos espaços, em meio a violência, física,

simbólica e de gênero, ao passo em que buscam constantemente construir uma identidade própria.

Para tanto, tais temáticas serão distribuídas em 03 (três) seções centrais. Sendo assim: a primeira se trata de *Breve exposição das escritoras negras na literatura brasileira*; a segunda sobre as *Escrevivência: gênero em Ponciá Vicêncio* e a última traz *Violência sofrida pela mulher negra em Ponciá Vicêncio*. Tal distribuição nos ajudará a perceber a compreender a representação do feminino negro na obra.

Nesse primeiro capítulo, veremos como foram construídas as lutas das mulheres negras dentro da literatura brasileira com vistas à conquista de seus espaços, tomando consciência de sua negritude mesmo em meio uma sociedade desigual. Para isso, apresentaremos uma relação de algumas escritoras negras no Brasil, que tiveram a possibilidade de terem livros publicados, apesar do tímido incentivo cultural no país. Entendemos que a produção literária no Brasil ainda é marcada pelo patriarcalismo e por concepções sexistas, com significado negativo para a construção social da imagem da mulher negra.

No capítulo seguinte, abordaremos a questão da escrevivência na obra de Conceição Evaristo, a partir dos escritos da autora, e de como o fato de ser autora negra influencia em sua escrita. Para isso, será retomada a questão de gênero e identidade na obra da referida autora, mais especificamente em *Ponciá Vicêncio*.

No último capítulo, abordaremos como Conceição Evaristo enfatiza a violência sofrida por mulheres negras na sua obra *Ponciá Vicêncio*, uma vez que a situa em um contexto real, inserindo-a em situações reais do cotidiano. Assim, a autora descreve ações de violências que as personagens femininas negras sofrem na narrativa. Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo destaca os diferentes tipos de violências acometidas por mulheres negras. Abordaremos aqui a violência física e simbólica.

A violência de gênero já é evidenciada em grande escala no Brasil, e em se tratando da mulher negra esses dados são ainda mais alarmantes. Segundo, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA), 2018, no país mata-se 71% mais mulheres negras do que brancas.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCRITORAS NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA

A conquista do negro dentro dos espaços sociais deu-se de forma gradual, desde o período colonial que o negro participa de movimentos no campo artístico, mas na maioria das vezes não obtém o reconhecimento devido. No âmbito literário esse cenário não difere. Na literatura nacional, como traz Proença Filho (2004), o negro é evidenciado sobre dois posicionamentos distintos: *a condição negra como objeto*, e *o negro como sujeito*. Nesse primeiro, o negro é tema da produção, em uma visão distanciada, uma literatura sobre o negro. Já no segundo, o negro é sujeito dessa literatura, numa atitude compromissada, surgindo então à literatura do negro. Enfatizamos que somente nesse segundo ocorre, de fato, o posicionamento engajado do negro em produções com propósitos de afirmação étnica e cultural.

Se para o autor negro a conquista de espaço quanto produtor de uma literatura centrada na negritude de seu povo já é difícil, pensando no ponto de vista das dificuldades encontradas pelos escritores negros desde divulgação, materialização da obra, como mercado editorial ainda muito restrito, para mulher negra é uma missão ainda mais complexa. Sabe-se da dificuldade para produção de uma literatura negra, visto que, somente com as produções dos *Cadernos Negros*, houve um maior espaço para produção literária negra. A série *Cadernos Negros*, organizada pelo grupo Quilombhoje tornou-se a maior fonte de visibilidade dos escritores negros, com publicações de poemas e contos, desde 1978 publicou 40 volumes, um por ano. É importante frisar que o financiamento dos volumes é coletivo. Essas publicações caracterizaram um marco para promoção da produção literária negra. Haja vista, as dificuldades enfrentadas pelos autores e autoras negras. Em um contexto literário nacional o qual encontra-se ainda arraigado ao preconceito, priorizando gênero masculino e a autoria branca. A pesquisadora gaúcha Regina Zilberman traçou, em seu artigo “O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)” uma espécie de perfil dos finalistas e ganhadores dos principais prêmios literários no Brasil como o Jabuti, São Paulo de Literatura e o Portugal Telecom de Literatura. Evidenciou que os principais, tiveram como finalistas 62 escritores, sendo apenas 16 deles mulheres. A pesquisadora também destacou que apenas dois escritores negros foram selecionados para a final. Esses dados servem para mostrar o quanto ainda precisam ser discutidos a respeito da conquista do negro e das mulheres nesse espaço literário.

Evidenciaremos essa busca/conquista de espaço da mulher negra no âmbito literário, o qual, por muito tempo foi altamente restrito ao gênero masculino. Pois, inicialmente, as produções literárias que apresentavam personagens negras eram produzidas por homens brancos que muitas vezes traziam uma visão distorcida da mulher negra. Mas, a partir do momento em que essas mulheres passam a escrever, passam assim a se afirmarem, trazendo retratos de si próprias e de suas companheiras. Usam a literatura como forma de autoafirmação e de afirmação de um povo, das memórias, e lutas diárias dos mesmos na busca por espaço na sociedade.

Conceição Evaristo em seu artigo autobiográfico, intitulado: *Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face*, evidencia o distanciamento de uma identidade da mulher negra dentro de nossa literatura, ao citar personagens criadas pelo olhar do branco que muito se distancia da realidade dessas mulheres, afastando-as de suas raízes negras, de seus reais traços identitários. Assemelha esse fato ocorrente na literatura com os fatos históricos, que tentam disseminar com a cultura e identidade da mulher negra. Porém, ao fazer um percurso literário de mulheres negras na literatura brasileira a autora aponta um ponto crucial para afirmação dessas mulheres na literatura brasileira: o caráter denunciativo em prol da causa negra, se valer da literatura como instrumento para transcrever as memórias de um povo, memórias essas que tentaram abafar da História, mas que a literatura em diálogo com esta pode e deve escrever a realidade:

Essas escritoras buscam na história mal-contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas. (EVARISTO, 2005, p. 07).

Essa literatura está vinculada à trajetória de vida de um povo, a história real, através da perspectiva de quem vivenciou esses fatos. É a ideia de juntar a escrita e experiência vivida em vários textos ligados a literatura contemporânea, a “Escrevivência” de Evaristo, que é empregada pela autora para explicar seu fazer poético e literário a partir de seus contornos conceituais.

O diálogo sobre o papel da mulher negra dentro da literatura brasileira necessita de mais informações. Infelizmente, a presença da mulher negra em nossa literatura, por muito tempo foi apresentada através do olhar do escritor branco com discursos bastante negativos. Tais autores como Jorge Amado com personagens como Gabriela, e Aluísio de Azevedo com

personagem com Rita Baiana e Bertoleza, vemos que a construção dessas personagens não constituídas como mulheres que geram uma descendência. Na maioria das vezes, esses autores ao representá-las trazem questões voltadas ao corpo, beleza, sexualidade, ignorando seus pensamentos, desejos ou intenções.

Segundo Campos (2008), ver-se ainda que a mulher negra não é vista como musa ou heroína, a imagem da mulher negra está atrelada ao seu passado de escravidão, de corpo-procriação e/ou como corpo-objeto de prazer. Lentamente, essas imagens e estereótipos na literatura nacional foram mudando, com a produção literária de afrodescendentes negros que buscam sua identidade e autoafirmação por meio da literatura. Para Conceição Evaristo:

Sendo as mulheres invizibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205).

Nesse contexto, é necessário que se entenda que quando falamos da mulher negra na literatura brasileira, precisamos levar em consideração duas vertentes: a primeira, da representação, a mulher negra personagem na produção literária; e a segunda, da autorrepresentação, da figura feminina quanto produtora dessa literatura. Vale salientar, é claro, que em boa parte da trajetória literária essas mulheres ficaram marginalizadas, reféns de um sistema patriarcal e de rótulos sexistas.

Tal como mostra Monteiro (2016), é a partir de 1970 que há “uma explosão da literatura que tinham mulheres como vanguardistas”. O movimento literário, as reflexões sobre a negritude, a literatura negra, começam a ser ainda mais presentes através de intervenções de autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

E no transcorrer dos anos 80 a literatura inicia, de fato, uma literatura produzida pelas mãos do feminismo negro¹, e se fundam no Brasil em função de movimentos da causa negra grupos como o Quilombhoje. A partir desse contexto histórico, dentre as escritoras se destacam nomes como: **Maria Firmina dos Reis**, a primeira romancista negra a realizar uma

¹ O Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. No Brasil, seu início se deu no final da década de 1970, a partir de uma forte demanda das mulheres negras feministas.

obra literária no Brasil, com a publicação do livro *Úrsula*, em 1859, sendo o primeiro romance abolicionista. Nascida em, 11 de outubro de 1825 em São Luís, Maranhão a autora se posicionou contra a escravidão, participando da composição do hino da *Abolição – em A Escrava*, sendo reconhecida como a criadora da primeira escola mista e gratuita do estado do Maranhão. Maria Firmina dos Reis sempre lutou pela educação, igualdade racial e de gênero. Duarte (2011), atenta para o fato da importância de pesquisadores empenhados em resgatar as vozes esquecidas em nossa literatura, pois muitas vezes as questões de gênero se sobrepõem às questões literárias, cita o fato de que no mesmo ano que Luiz Gama publica suas *Primeiras trovas burlescas*, Maria Firmina dos Reis apresenta *Úrsula*, ambos marcos literários contendo o mesmo valor histórico e significação literária.

Carolina Maria de Jesus, nascida em 14 de março de 1914, também foi uma escritora, moradora da favela do Canindé, na região norte de São Paulo, trabalhava como catadora e registrava seu cotidiano nas folhas encontradas no lixo. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, publicou seu primeiro livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* em 1960, o livro trata do dia a dia repleto de discriminação de uma mulher negra, mãe, pobre e favelada. Quarto de despejo faz referência para os estudos socioculturais brasileiros e apesar de ter sido publicado em 1960, narra uma realidade que infelizmente ainda acontece com muitos brasileiros. Foram vendidos mais de 100 mil exemplares, traduções para 13 idiomas e vendido em mais de 40 países.

Ana Maria Gonçalves renovou na arte da literatura quando uniu fatos verídicos da história brasileira com ficção dando origem ao livro *Um Defeito de Cor*, que conta a história de uma menina nascida no Daomé (Benin), capturada como escrava aos oito anos e sua trajetória até a terra natal como mulher livre. Por essa publicação, Ana Maria recebeu o **Prêmio Casa de Las Americas** na categoria de literatura brasileira.

A autora **Conceição Evaristo** nascida em 29 de dezembro de 1946 numa favela da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais, filha de lavadeira, teve que conciliar estudo com trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso Normal, em 1971, já aos 25 anos. Evaristo teve seu primeiro poema publicado em 1990, no décimo terceiro volume dos Cadernos Negros, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Hoje, mestra em literatura Brasileira e doutora em literatura comparada, a escritora apresenta em seus textos sentimentos e inquietações que fazem com que suas obras abordem temas como discriminação racial, de gênero e de classe. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Sua obra vem sendo estudada em universidades brasileiras e do exterior. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. *Ponciá*

Vicêncio (2003) foi incluído em vários vestibulares brasileiros, em 2007, a obra é traduzida para o inglês, pela Host Publications. Em 2006 publica o seu segundo romance, *Becos da memória*. Ganha mais visibilidade em sua produção poética, é a partir de 2008 que ganha ainda mais visibilidade, que até então era restrita as publicações em *Cadernos Negros*, com *Poemas de recordação e outros movimentos* nos quais a autora mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes. Em 2011, Conceição Evaristo lança *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em 2014, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. E em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*. Conceição é uma escritora reconhecida nacional e internacionalmente e é constantemente homenageada, uma de suas homenagens mais recentes foi no Exame Nacional do Ensino Médio (2018). Também esse ano, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra.

Na escrita de Conceição destaca-se a presença da voz feminina, com teor denunciativo, reflexivo, e a memória afetiva ou étnica. Essa voz é percebida ao abordar em suas obras, aspectos da vida cotidiana da mulher. Com suas dificuldades diárias, através de um olhar, visivelmente, feminino e negro.

Conceição Evaristo é, sem dúvidas, um dos principais nomes da literatura contemporânea, com seis livros publicados, prêmios literários conquistados e homenagens por diversas vezes é um exemplo de mulher e escritora negra em nosso país, desbravando espaços em meio ao preconceito ainda muito vigente em nossa sociedade.

Alzira Rufino, nascida em 06 de julho de 1949, foi a primeira mulher a ter seu depoimento gravado no Museu de Literatura Mário de Andrade, participou de uma feira feminista do livro no Canadá, em 1988, e ainda tem textos publicados em jornais e revistas de vários países do mundo. Em 1988 lançou o livro: *Eu, mulher negra, resisto*, um livro de poesia. Além de escritora, é profissional na área de enfermagem e ativista pioneira sobre a violência racial, doméstica e sexual na Baixada Santista, em São Paulo.

Geni Guimarães nasceu em, 8 de setembro de 1947 Barra Bonita, no interior paulista, onde publicava seus poemas nos jornais da cidade, mas só foi editar o primeiro livro em 1979, o *Terceiro Filho*. A partir dos anos 80, a autora passou a ser ativista da militância negra, que resultou na realização do livro *A Cor da Ternura*, novela que recebeu o **Prêmio Adolfo Aisen**, em 1989.

Miriam Alves nasceu em 1952, em São Paulo é poeta, dramaturga e prosadora brasileira, tem cinco livros publicados, incluindo o *Mulher Mat(r)iz*(2011), foi escritora visitante na Universidade do Novo México, ministrou os cursos de Literatura e Cultura Afro-

brasileira na Escola de Português de Middlebury College em 2010, nos Estados Unidos. Fez parte do Quilombohoje (grupo paulistano de escritores), pelo qual publicou diversos textos em prosa e poesias.

Lia Vieira nasceu no Rio de Janeiro, em 1958, onde reside, é autora do livro *Só As Mulheres Sangram* que traz nove contos, colocando em cena um panorama frequentemente excluído da literatura brasileira: a da mulher negra. A autora é formada em economia, turismo, letras, doutora em Educação, pesquisadora, artista plástica, dirigente da Associação de Pesquisa da Cultura Afro-brasileira e militante. Além disso, aparece em publicações como o *Cadernos Negros*, sempre tratando a realidade das mulheres negras.

Cidinha da Silva nasceu em Belo Horizonte, 1967. No seu primeiro livro *Cada Tridente em Seu Lugar*, abordou o tema polêmico do acesso e permanência dos negros nas universidades públicas. Publicou artigos acadêmicos sobre relações sociais e de gênero na faculdade de História. No livro *Sobre-viventes!*, explora com humor e ironia as situações do cotidiano, principalmente baseadas em construções sociais sexistas, racistas e homofóbicas.

Os livros mais recentes de Cidinha da Silva são *Canções de amor e denço* (poemas, Me Parió Revolução, 2016) e *Parem de nos matar!* (Crônicas, Ijumaa, 2016). Organizou duas obras fundamentais sobre as relações raciais contemporâneas no Brasil: *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras* (2003), um dos dez primeiros livros sobre as ações afirmativas como estratégia de superação das desigualdades raciais, publicados no país. O segundo, *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (FCP, 2014), obra de referência na temática.

Esmeralda da Ribeiro, nascida em São Paulo em 1958, é jornalista e uma das coordenadoras do **Quilombhoje Literatura**, o grupo responsável por publicações como o *Cadernos Negros*. Ela também tem seu próprio livro de contos, o *Malungo e Milongas* (1988), que ficou famoso nas traduções para a língua inglesa.

Kiusam de Oliveira, nascida em Santo André, São Paulo, é uma artista multimídia, arte-educadora, bailarina, coreógrafa e contadora de histórias. Especialista nas temáticas de relações étnico-raciais, de gênero, da corporeidade e do candomblé de ketu – claro que também é ativista há 30 anos. Em *O Mundo No Black Power de Tayó*, explora a identidade negra na perspectiva de Tayó, uma menina de seis anos. E no livro *Omo-Oba: histórias de princesas* é um livro que reconta mitos africanos, divulgados nas comunidades de tradição ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser em relação ao feminino. Os seis mitos apresentados têm o objetivo de fortalecer a personalidade de meninas de todos os tempos.

A relação de autoras negras mencionadas não completa o leque de outras várias vezes da literatura negra brasileira escrita por mulheres, mas tentamos destacar estas obras com um marco temporal (desde o romance *Úrsula*) até os movimentos negros de resistência e produção literária como *Cadernos negros* que é um relevante representante dessa escrita.

Indicar autoras negras ainda pode ser um desafio pelo fato de existirem diversas vozes, estilos, gêneros literários. No entanto, se observarmos essas obras boa parte da produção é independente e difícil de encontrar em grandes livrarias. A importância de dar destaque a essas autoras negras brasileiras é de mostrar o quanto são atuantes, além da diversidade de estilos e projetos literários desenvolvido por cada uma delas. No Brasil ainda existe o discurso repetido de que não há escritoras negras e que, por este motivo, elas não estão nos grandes eventos literários.

Dessa forma, torna-se relevante elaborar para enriquecer o imaginário social brasileiro sobre quem faz literatura no Brasil, justamente para combater estereótipos, inspirar os debates e estudos sobre a visibilidade das autoras negras no mercado editorial e, principalmente, oferecer um bom texto literário, que as pessoas se envolvam e gostem de ler, podendo ser afetadas de forma positiva por um tipo de representatividade das mulheres negras, surpreendentemente, ainda pouco divulgado no meio cultural.

A escritora **Neusa Santos Souza** (1983) caracteriza a sua escrita de acordo com a situação feminina que faz da descoberta de ser negra mais do que a constatação do óbvio. Segundo ela, “saber-se negra” é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências absurdas além de ser constrangida com expectativas alienadas. O que está explícito em “Tornar-se negro” ultrapassa o direito de ser uma mera reflexão acadêmica para articular com a experiência vivida por outros negros e negras. Dessa forma, gera um conhecimento tanto racional como emocional indispensável não só para as mulheres negras, mas também para os homens que querem experimentar um processo de libertação do racismo.

Aqui, tentamos reunir nomes que nos mostram uma diversidade poética, de histórias e de idades. Publicadas por editoras, de forma independente e pela internet. Gerações diferentes, frentes diferentes, algumas que também escrevem prosa, textos de opinião sobre questões raciais e de gênero e que são profissionais reconhecidos em outras áreas além da Literatura.

3 ESCRIVIVÊNCIAS: GÊNERO EM PONCIÁ VICÊNCIO

A obra *Ponciá Vicêncio* foi escrita em 2003, pode ser considerada inovadora, nela a autora desvela a identidade negra através da escrevivência. Sendo a escrevivência a junção da experiência vivida com o ato de escrever. Um compor literário a partir de suas raízes identitárias.

A narrativa apresenta aspectos que mostram os papéis desempenhados pelas mulheres negras que a acompanha. Mulheres que apresentam traços identitários marcantes, mesmo em situação adversa, em meio a violências físicas e simbólicas, de gênero, de cor, e etc. *Ponciá Vicêncio* é uma das obras que a autora publicou no exterior e traz uma aproximação entre Literatura e a História, de modo a perceberem-se relatos de memórias de um povo em um contexto de desigualdade social e de exploração.

Conceição Evaristo situa a protagonista, Ponciá Vicêncio, nesse cenário arraigado aos preconceitos da sociedade da época, ao modo em que apresenta a força, persistência, liderança e resistência da mulher negra dentro da obra. A autora rompe com a ideia da imagem da mulher negra vista por terceiros. Ao apresentar mulheres com fortes traços identitários, que mesmo em um contexto notavelmente desvantajoso de desigualdade e violência, com fortes perdas pessoais e coletivas, conseguiram se afirmar.

A autora destaca em sua escrita acontecimentos e pessoas de sua infância, que algumas vezes participam de suas narrativas. Advinda de uma periferia, passou por muitas dificuldades, filha de uma lavadeira, Dona Joana, doméstica e com sete filhos. Apesar de tantos percalços encontrava tempo para contar histórias à filha, e em torno dessa oralidade que a autora cresceu rodeada por palavras.

Como podemos ver em seu artigo autobiográfico, Conceição Evaristo (2005) afirma:

[...] aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (EVARISTO, 2005, p.01)

Logo, vemos que a escrita da autora traz marcas de suas memórias pessoais, como as memórias coletivas de um povo, de seu povo. Essa articulação entre história e ficção é nomeada pela autora como “Escrevivência”.

Cortês (2015) conceitua “escrevivência” como: “A palavra escrevivência é um neologismo que, por uma questão morfológica, facilmente compreendemos do que se trata. A

ideia de juntar escrita e experiência de vida [...]”. (CORTÊS, 2015, p. 52). É essa escrevivência um dos grandes pilares que compõe a obra de Conceição Evaristo.

Ponciá Vicêncio é o primeiro romance da autora. Nela são narrados problemas cotidianos das mulheres afrodescendentes sob um olhar visivelmente do feminino e do negro. O próprio fato da protagonista ao chegar à cidade e trabalhar como doméstica assemelha-se a vida de Evaristo. A autora a chegar à cidade grande também necessita do trabalhar como doméstica, o que nos faz perceber o quanto de cunho da vivência da autora é impregnado a esta obra.

A obra retrata a vida de uma mulher afrodescendente, Ponciá Vicêncio, desde sua infância até a vida adulta. Narrado em terceira pessoa, com presença do discurso indireto livre. Permite que o leitor penetre profundamente na história, descobrindo aos poucos o interior das personagens. Ponciá Vicêncio mora com a mãe, Maria Vicêncio, na Vila Vicêncio, uma comunidade de descendentes de escravos. Seu Pai e seu irmão passam a maior parte do tempo trabalhando na lavoura da família Vicêncio, brancos proprietários das terras onde todos moram e trabalham, donos do sobrenome que carregam. O fato dos moradores não possuírem um sobrenome próprio, e sim o dos senhores, marca a o contexto de subalternidade que fora vivenciada pelos escravos e conseqüentemente os descendentes de escravo, não tendo direito aos mínimos requisitos de cidadania, a um nome próprio.

Viviane C.M. Stringhini, em seu artigo “Heranças da escravidão na narrativa Ponciá Vicêncio” afirmar que:

Ponciá mora com sua família na vila Vicêncio, assim como outros descendentes africanos. Vicêncio é o nome do coronel que, além de ser o proprietário das terras para quem o pai e o irmão de Ponciá trabalham, é o dono do sobrenome dos habitantes da vila. O fato de todos levarem o nome do coronel representa a superioridade e a ideia de “posse” do branco sobre o negro. As relações entre senhor e escravo caracterizam-se pela tendência à reificação e alienação do escravo visto pelo dono como objeto, um acessório da terra, um animal humano. (STRINGHINI, 2010, p.4-5).

Vê-se que em *Ponciá Vicêncio* é evidenciado uma prática, de transcrever seu nome, como proprietário dos habitantes de suas terras, prática muito comum entre os senhores, com intuito de assegurar seu direito de posse sobre seus escravos. Logo, o nome herdado do Coronel Vicêncio, não é um privilégio e sim um símbolo de posse do coronel sobre aquelas pessoas. Em Ponciá, doía-lhe a alma grafar essa assinatura.

E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lamina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô. [...] Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. (EVARISTO, 2003, p.29).

Podemos evidenciar aí que a protagonista não estava satisfeita com a situação em que se encontravam. Eram livres, porém, presos até ao nome, reféns de uma conjuntura social que perpassava de geração para geração daquele povo. E através do olhar da protagonista podemos perceber esse descontentamento:

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia do momento. [...] O tempo passou e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2003, p. 48-49).

Através de Ponciá vemos a insatisfação com o pós-abolicionismo, ao utilizar a ironia para mostrar que mesmo com a Lei Áurea, a realidade da escravidão continuou a mesma. Não foram dadas as mínimas condições para que os cativos se tornassem, de fato, pessoas livres. Nem um nome próprio que pudesse ser repassado para família eles tinham.

A narrativa feita em *flashbacks* mostra a infância de Ponciá ao lado da mãe, sendo a esta figura de maior presença para menina. Traz o trabalho com o barro como um alicerce de elo entre as duas. Era no processo de modelar o barro que ambas mais se identificavam.

Convém ressaltar aqui que essa cultura de trabalhar o barro é uma fonte de afirmação da cultura da mulher negra, no contexto da “Escrevivência”. Côrtes (2015) afirma:

A tradição dessas mulheres que faziam do chão e do barro o papel-tela para desenhar e chamar o sol, num gesto performático, um ritual para afastar a fome e trazer a fantasia, é o pano de fundo para autora [...] O escopo da Escrevivência está ali: criação de uma tradição que tece a dor num faz de conta impactante, ascende os seus, joga luz onde só havia relampejos dá voz ou inventa formas de adentrar o silêncio [...] (CÔRTEZ, 2015, p. 52).

Assim sendo, descrever a cultura de um povo é escrever a vivência desse povo. A junção da escrita com a experiência de vida abrindo pontes para afirmação através do que é de sua propriedade.

A mãe que sempre notou certo estranhamento na filha, por muito parecer com o avô, Vô Vicêncio, de quem a menina sempre ouvira que receberá uma herança identitária. Ponciá, desde cedo, mostrou gestos de repetição do avô, como por exemplo, imitar o braço cotó do avô. O vô Vicêncio que em um momento de loucura matou a esposa e numa tentativa de matar-se, autoflagela-se ficando assim cotó do braço. A mãe atentava para o fato de que

quando o vô Vicêncio morreu, Ponciá era criança de colo ainda, muito pequena. Ponciá faz um boneco de barro idêntico ao avô, o que causa ainda mais espanto à mãe.

Após perder o pai, Ponciá decide partir para cidade em busca de melhores condições de vida, deixando sua mãe e seu irmão Luandi Vicêncio. Ao chegar à cidade Ponciá depara-se com o novo, tem o primeiro contato com a igreja. Apresenta grande surpresa com o contraste da imponente catedral com a capelinha do povoado. Admirou-se com o tamanho e vestimenta desses Santos, comparou-os com pessoas. Nota-se aí que a autora usa de certa ironia ao apresentar esse evidente contraste. “Eles deviam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo onde ela havia nascido”. Ainda ao evidenciar essa desigualdade, descreve o luxo da igreja que combina com o povo que ali está, os brancos. Culmina então, no ápice da ironia na passagem “Deus bem que deveria gostar de todo aquele luxo”.

Logo, ao ver-se sozinha na cidade grande Ponciá assusta-se com a repentina mudança, porém, o sonho trazer a mãe e o irmão para junto dela, dá a força necessária para que continuasse a caminhada na cidade. “Ela acreditava que podia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova”.

É importante ressaltarmos a determinação que é empregada à personagem, várias vezes no decorrer da obra, percebemos o teor denunciativo através do olhar da Ponciá, questões como exploração, desigualdade social e de gênero.

Quando Ponciá resolveu sair do povoado [...] Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros cobertas de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam as vidas trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte da colheita ser entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. (EVARISTO, 2003, p. 33).

Notamos que Ponciá está totalmente ciente da situação em que vive juntamente com seu povo. Vemos insatisfação que é apresentada através do olhar da mulher negra, que representa a insatisfação de outras mulheres negras. É justamente isso a que essa Escrivivência de Evaristo se refere. A Escrivivência sendo essa via para uma releitura da História e de reversão do estereótipo de mulher negra na Literatura.

A personagem nessa obra tem voz própria, mesmo em busca de respostas, possui sua identidade, ninguém precisa falar por ela, é escritora de suas ações e sentimentos. Aqui nos afastamos do olhar do escritor branco sobre a mulher negra. Ela, a mulher negra, escreve com sua visão e principalmente sua vivência.

Mesmo sem ninguém na cidade, Ponciá luta para juntar dinheiro e trazer seus entes para junto de si. Porém, seu irmão parte para cidade a sua procura. Ao chegar lá, torna-se

senhor de seus próprios sonhos. Quer virar soldado e mais tarde o consegue. Sua mãe espera o momento certo para ir em busca dos dois. Entrelaçando-se a isso estão outras personagens que desempenham papel fundamental para a temática da obra. Entre essas personagens estão Nênga Kainda e Bilisa, duas figuras femininas de uma forte relevância dentro da obra.

No decorrer da narrativa, a narradora nos permite conhecer o interior dessas personagens, de modo a entramos no pessoal de cada uma delas. Afirmando a obra também como exemplo ilustre de uma literatura afro-brasileira. Afirma Luiza Lobo sobre essa Literatura:

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266)

É justamente isso que vemos nessa obra de autoria e temática negra, através do ponto de vista da mulher negra e engajada em abordar a realidade do que é ser negro no Brasil.

Uma literatura que expõe e denuncia ao mesmo tempo. E é nesse contexto que cabe a Escrivência. Dando voz para a mulher escrever suas vivências. Evidenciando o despertar de mulheres negras para tornarem-se donas de suas histórias, e, não mais servirem de objetos para produções literárias, muitas vezes estereotipadas, por autores que não são afro-brasileiros.

Evaristo fala sobre essas vozes femininas na literatura:

Essas escritoras buscam na história mal contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais, elementos para comporem suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escreve suas dores e alegrias íntimas. (EVARISTO, 2005, p. 204).

Logo, a obra *Ponciá Vicêncio* está intimamente ligada à afirmação de mulheres negras, tanto quanto produtoras, quanto personagens. As personagens, na obra, representam a realidade de mulheres negras, ao passo em que mostram também a realidade de um povo, das situações impostas aquele povo. A apresentação da história através do olhar do oprimido e não do opressor. De quem viveu na pele as injustiças, exploração e violências.

Em *Ponciá Vicêncio* (2003), Conceição Evaristo apresenta os personagens nesse cenário de exploração, porém as personagens femininas negras sofrem ainda mais com situações impostas as mesmas. A mulher é vítima ainda das questões relacionadas ao gênero.

Acerca da problemática de gênero ocorrida pela mulher negra, Farias & Aras 2015 apontam:

O racismo interseccionado ao sexismo e à divisão de classes (alimentada pelo capitalismo em suas diferentes fases) representa o nó que complexifica a discriminação das mulheres negras. Pesquisas apontam não só para o fato de que as mulheres negras atuarem nos postos de trabalho mais subalternos ganhando os menores salários como também o crescente processo de feminilização da pobreza que, em grande escala, é composto por mulheres negras. (FARIAS & ARAES, 2015, p.03).

Infelizmente, há ainda na sociedade a visão da mulher inferior ao homem, e o processo de empoderamento da mulher está ainda em processo, os avanços já foram significativos, porém muito ainda se precisa ser mudado para sua conclusão. Em se tratando da mulher negra é ainda mais preciso as discussões acerca dessa temática.

Em Ponciá Vicêncio é abordada essa temática, ao mostrar as dificuldades cotidianas que as mulheres vivem na obra, uma delas é o fato da dificuldade imposta à personagem Ponciá Vicêncio. Ao dirigir-se à cidade Ponciá almejava um bom trabalho, pois era alfabetizada, e o único trabalho que conseguiu com muito sacrifício foi de empregada doméstica. Assim como Bilisa que é levada por situações involuntárias a um processo de inferiorização.

Mesmo ao mostrar essas personagens em um contexto de dor, opressão, angustias, violências em paralelo são apresentadas como mulheres que cotidianamente buscam uma vida melhor. Mulheres que se reconstróem diariamente.

Segundo Duarte (2006):

O texto de Ponciá Vicêncio destaca-se também pelo *território feminino* de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado, sim, pela etnicidade que provém à voz e as vozes-ecos das correntes arrastadas. Vê-se que no romance fala um *sujeito étnico*, [...] Mas, também, fala um *sujeito gendrado*, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito. Esse ser construído pelas relações de gênero se inscreve de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, supera-o para torná-lo perene na ficção. (DUARTE, 2006, p.308).

Através desse olhar feminino, Conceição Evaristo apresenta personagens em meio às dificuldades advindas do gênero.

Ponciá Vicêncio é um romance inovador, no qual a autora desvela a identidade negra, visto que essa narrativa exerce função delineadora para mulheres negras, baseada na memória e através de sua perspectiva. A obra rompe com habitual estereótipo de mulher negra que carregava, na maioria das vezes, resquícios de uma ideologia preconceituosa propagada por meio da literatura e da sociedade tanto no passado quanto nos dias atuais.

Munanga (1994), ao falar sobre identidade destaca:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178).

Logo, a identidade feminina negra está ligada a aspectos de ressignificado cultural, presente no trabalho com o barro, nas cantorias de origem africana que era passada de geração para geração, nas superstições entre outros. Assim como na definição das memórias coletivas dos moradores da Vila Vicêncio.

Ainda segundo Munanga (2003):

Essas culturas particulares se constroem diversamente [...] conjunto da população negra [...] É a partir da tomada de consciência dessas culturas de resistência que se constroem as identidades culturais enquanto processos e jamais produtos acabados. São essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo[...] (MUNANGA, 2003).

Através da revalorização da cultura do povo negro, das mulheres negras há afirmação identitária. Um fator relevante para afirmação da mulher negra dentro da obra é voracidade com qual a protagonista mostra sua indignação com a situação na qual seu povo vivia. Por meio das reminiscências da Ponciá Vicêncio surgem suas insatisfações com o pós-abolição. Ponciá mostra sua indignada pelo fato de sua família e as outras famílias da Vila Vicêncio continuarem com o mesmo ritmo de trabalho do tempo da escravidão. Isso é evidente ao passo que narra o fato de tanto seu avô quanto seu pai não conhecerem o real sentido da liberdade, visto que os dois morreram aprisionados nas terras do Coronel Vicêncio. Que ambos sofreram com uma falsa liberdade. Enfatiza bem esse fato ao recordar que o Vô Vicêncio teve seus filhos vendidos, filhos esses já pertencentes à lei do *ventre libre*.

Por sua descendência de escravos africanos, a protagonista era despojada de um nome de família. Ainda por cima não conseguia acostumar-se com seu próprio nome, Ponciá. Observamos em Evaristo (2003, p. 29):

[...] não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e escrever foi pior ainda, ao descobrir a acento agudo de Ponciá. Às vezes num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e repeti-lo, na tentativa de achar, de encontrar o eco. E era tão doloso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada ao torturar-lhe o corpo. [...] sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu bisavô, [...] O tempo passou deixando a daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. [...] Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2003, p. 29).

Podemos ver que a protagonista travava uma batalha interior sobre sua identidade, buscava reconhecer-se. Acerca disso podemos dizer com base em Hall (2006), que relações sociais e culturais, estão intimamente relacionados com o sistema de representação. Assim sendo “esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento – descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (HALL, 2006). Ou seja, todo o contexto de inserção da personagem era corroborativo para a busca por sua afirmação identitária. Aspectos individuais e sociais a influenciavam.

Podemos ver na dedicatória do livro na qual Evaristo diz que a obra é de suas irmãs, percebemos aí que a histórias apresenta a personagem principal como uma representante de tantas outras mulheres que também passam por fortes dores, perca e aflições. Muitos dramas e subversões são vivenciados por mulheres negras e são retratados na obra. Como no fragmento seguinte do texto:

A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele havia de nascer, crescer, e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho. (EVARISTO, 2003, p. 53).

No trecho exposto, Ponciá sofre por não conseguir ter um filho, e o resultado de consecutivos abortos é esse desencontro de si. Isso em um contexto em que ser mãe, esposa exemplar, dona de casa era o ideal de identidade feminina para sociedade, a protagonista sofria com seu insucesso na maternidade. E maternidade proporcionaria a ela ser o que na infância muitas vezes desejou ser, ser igual a sua mãe, Maria Vicêncio.

A segunda personagem que observaremos é Maria Vicêncio. Ponciá nutria pela mãe uma admiração enorme. Maria Vicêncio cuidava da casa, da filha, trabalhava na lavoura em meio à ausência do marido, o que a filha via como o exemplo que ela desejava seguir. Ponciá também sonhava em ter filhos e um marido que a obedecessem, respeitasse e amassem como seu pai e irmão agiam com sua mãe:

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. [...] Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que votasse para casa. [...] (EVARISTO, 2003, p. 27).

Maria Vicêncio é, sem dúvidas, uma das personagens com maior personalidade na obra. Sua força, garra e independência são traços bastante evidenciados. Era ela, a mulher da

casa quem cuidava de tudo e distribuía as tarefas, quem determinava o que deveria ser feito até pelos homes, o que despertava o desejo da filha, de ser mulher, ser mãe e esposa:

O pai, ás vezes, discordava de tudo. Do que iria fazer naqueles dias de estadia em casa, do preço estipulado para as peças e das pessoas que ganhariam os presentes. A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia dito [...] Ponciá Vicêncio sorria. O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom se mulher! Um dia também ela teria um homem, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também. (EVARISTO, 2003, p. 27).

Assim a mãe de Ponciá representa essa força feminina no lar. Vemos o desejo da menina que sonha um dia ser mulher. Na infância, Ponciá Vicêncio ao passar por debaixo do arco-íris temia virar menino, ela queria tornar-se mulher. Já na vida adulta, com as agressões sofridas pelo marido, deseja poder virar homem:

Deu-lhe um soco violento nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, e ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi prepara a janta dele. (EVARISTO, 2003, p. 20).

Assim Ponciá vai se desenganando daquela vida, tão diferente do que vira na infância. Por instantes quis ser homem para poder se defender das agressões do marido. A maneira que Ponciá passa a sentir uma apatia, ainda maior, pelo rumo que sua vida vai tomando, passa a não sentir as dores de seus filhos não vingarem.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr filho no mundo? [...] Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. [...] Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois assim se livrariam de viver uma mesma vida. De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela também era escrava [...] de inventar outra nova vida. (EVARISTO, 2003, p. 82-83).

Vemos que as percas, dores e ausências de Ponciá contribuem para uma mudança em sua identidade, o que resulta uma mudança significativa de comportamento. Agora, Ponciá sente-se desmotivada para enxergar novos rumos. Diferente de quando saiu do povoado carregada sonhos e expectativas de uma vida melhor. Hoje, sente-se desprovida de novos sonhos.

É importante ressaltarmos que mesmo com tantos desencontros e conflitos interiores, Ponciá não perde as esperanças de encontrar sua mãe e irmão. Regressa à Vila Vicêncio em busca dos dois, e mesmo sem encontrar nenhum deles lá, ela volta à cidade esperançosa do

dia em que haveria de revê-los. Essa certeza é resultante do contato que ela teve com outra personagem feminina importante dentro da obra, Nêngua Kainda.

Cabe aqui associar Maria Vicêncio a um dos aspectos de identidade e afirmação da mulher negra evidenciados por Evaristo:

[...]é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, [...] muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. (EVARISTO, 2005, p. 04).

Logo, a mãe de Ponciá é essa representação, ao passo que se caracterizava em ser o pilar principal da família, designar a função de todos e também responsável por passas ensinamentos e tradições à filha.

Em toda essa obra *Conceição* apresenta a mulher como força motriz. O que é uma característica da produção literária da autora. É importante ressaltarmos que mesmo a obra contendo maior centralidade na protagonista, outras mulheres compõem-na com a mesma acuidade, contribuindo para a riqueza do texto.

O texto apresenta memórias individuais e coletivas, por tratar da subjetividade de alguns personagens, porém, é a memória coletiva, que possui marcas predominantes dentro da obra. Veremos a seguir a terceira personagem das quais elencamos, uma personagem marcante na obra, que carrega consigo uma grande marca de coletividade.

Nêngua Kainda representa, sem dúvidas, uma figura feminina central. Com papel de condução espiritual e até física daquele povo. É uma importante personagem desta obra, pois sendo uma anciã na sua comunidade atua como portadora do saber e mensageira, conduzindo e apresentando direções dos destinos dos personagens, concebendo a religiosidade das ascendências africanas: “Doentes houve que sararam com as garrafadas de Nêngua Kainda, levantaram-se da cama e tempos de vida tiveram para pecar outras vezes”. (EVARISTO, 2003, p. 25).

É possível perceber na obra de forma implícita alusão a alguns Orixás da cultura iorubá, sendo Nanã, Oxumarê e Oxum os três principais presentes. Esses três orixás participam de forma simbólica no enredo como um circuito envolvendo a protagonista representando a fertilidade. Segundo Reginaldo Prandi, em seu livro *Mitologia dos orixás*, “Nanã é a guardiã do saber ancestral e participa com outros orixás do panteão da Terra”. (2001, p. 21). Nêngua Kainda é a representação desta sabedoria da ancestralidade da Orixá

Nanã. A sabedoria de Nêngua Kainda é apresentada pela voz narrativa diante do ponto de vista de Ponciá, na ocasião em que a protagonista à comunidade:

A mulher, que era alta e magra, pareceu-lhe mais alta e magra ainda. Continuava ereta, apesar da idade, como uma palmeira seca. A pele do rosto, das mãos, do pescoço e dos pés descalços era enrugada como a de um maracujá maduro. Tinha o olhar vivo, enxergador de tudo. A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha. Que fizesse o que o coração pedisse. Ir ou ficar? Só ela mesma é quem sabia, mas, para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria. (EVARISTO, 2003, p. 59-60).

Logo, percebemos que a sabedoria atribuída à figura de Nêngua Kainda é a de uma anciã respeitada por todos, que a partir da sua ligação espiritual com os ancestrais consegue manter vida tradições e memórias coletivas de modo a conduzir os habitantes da vila e capaz de prever bons e maus tempos que virão futuramente. Ela transmite a sabedoria da sua cultura através da oralidade. No trecho acima Nêngua Kainda alerta Ponciá de uma herança que é inevitável a ela.

É interessante notar o quão importante Nêngua Kainda foi à articulação para o reencontro da família de Ponciá. Ao passo em que acalmava Maria Vicêncio para que fosse em busca dos filhos no momento propício, recepcionou Luandi e entregou o endereço deixado por ele a sua mãe. Foi ela a falar, individualmente com cada um dos personagens, antes de se juntarem os três.

Logo, evidenciamos a afirmação dessa personagem através da sabedoria ancestral atribuída a ela, que gerava o respeito de todos aos seus ensinamentos coletivos. Todos pediam-lhe a benção, mesmo que não entendessem de imediato o que suas palavras representavam.

Nêngua Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá Vicêncio também. A irmã estava na cidade, não muito longe dele. Carecia de encontrá-la urgente, acolhê-la antes que a herança se fizesse presente. Depois Nêngua Kainda olhou os trajés de Luandi e deu de rir, mas com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia, sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus. (EVARISTO, 2003, p. 95-96).

Percebemos que a anciã aparece sempre nos momentos certos da narrativa. Nos momentos em que alguém busca respostas e nortes para prosseguir com algo. É apresentada como uma guia espiritual dotada de imensa sabedoria e de uma visão coletiva

extraordinariamente apurada. Acima vemos que ao orientar Luandi, irmão de Ponciá, além de falar do futuro que o aguarda, ela faz com que ele reflita a respeito de suas escolhas. Ao indagar sobre o “mandar sozinho” sem “vozes-irmãs”, ela evidencia mais ainda a marca da coletividade. A conquista do negro não deve ser algo individual e sim uma conquista coletiva, de todo o povo negro. Assim como as dores, as dores, em sua maioria, são coletivas.

Assim, a identidade dessa personagem é caracterizada na sua relação de guia do povo da vila Vicêncio. Como uma peça unificadora de encontro das personagens centrais do romance.

A quarta personagem feminina de forte significação é Bilisa. Essa personagem é apresentada pela autora em dois segmentos centrais, são: a *identidade* que Conceição Evaristo atribui-lhe e as questões de *violência*.

Apontaremos aqui aspectos relacionados à identidade dessa personagem mais adiante, na terceira seção desse trabalho, adentraremos nas questões de violência relacionada à personagem.

Bilisa, assim como Ponciá, saiu da roça em busca de melhores condições de vida para ela e sua família. A vida na cidade não ocorre como o planejado, e ao ser roubada pelo filho da patroa, um rapaz com quem relacionava-se. Bilisa acaba por entrar para prostituição.

Nesse sentido, a mulher negra traz uma herança do patriotismo do homem branco sobre a mulher negra, vemos as marcas da submissão feminina ao homem no relação entre eles. Esse fato contribuiu para a dificuldade da afirmação da identidade feminina negra. Conceição Evaristo nos traz essa situação, porém logo adiante ela rompe com essa ideia, ao atribuir fortes traços a personagem Bilisa.

Segundo Hall, a identidade é algo desenvolvido, ao longo do tempo, de forma gradual, através de processos inconscientes, e não atrelado a algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (Hall, 2006). Assim sendo, a mulher negra é totalmente capaz de conquistar o seu espaço e ser dona de sua identidade, como assim fazem e vem fazendo a cada nova conquista.

Mesmo em um contexto desvantajoso, é atribuída a Bilisa uma identidade ímpar, de forma inovadora é tratado através dos sentimentos da personagem os desejos íntimos. Ela não tinha vergonha de expressar seus desejos. Não se sentia mal em expressá-los e sim os tratava de forma natural. Os desejos não são privilégios dos homens. Essa personagem traz aqui o rompimento com uma tradição de que a mulher deva ceder sempre à imposição masculina:

Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíram mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou. (EVARISTO, 2003, p.99)

Vemos que é através dessa personagem também que percebemos uma grande evolução na literatura quanto à mulher negra. Uma mulher que não tem receio de expressar seus sentimentos e desejos.

3 VIOLÊNCIA SOFRIDA PELA MULHER NEGRA PONCIÁ VICÊNCIO

Conceição Evaristo desde as publicações em *Cadernos negros* aborda questões de violência sofrida por mulheres negras. A temática da violência física contra mulher, por muito tempo, foi tabu ou evitada por escritoras em obras literárias. Conforme Constância Lima Duarte (2010):

Se pensarmos na trajetória do conto ao longo da literatura brasileira de autoria feminina, veremos que também aí há duas histórias. Uma canônica e tradicional construídas por escritoras brancas que, quando apresentam a violência costumam privilegiar aquele que Bourdieu de simbólica. [...] Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, estupro, do aborto?

É nesse ponto que a autoria feminina negra abre novos caminhos e temáticas dentro de nossa literatura. No momento em que escritoras negras escrevem de maneira engajada a realidade do cotidiano da mulher. Conceição Evaristo aborda através de suas personagens não somente a violência simbólica, essa que as autoras brancas privilegiam ao tratar da violência em suas obras, como também a violência física que é cometida à mulher negra.

Conceição claramente agrega essa temática às suas obras. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2005):

[...] a autora insiste na representação da violência, sobretudo racial e de gênero. Outro recurso decorrente é a nomeação dos contos com os nomes de seus protagonistas [...] Ao fazê-lo traz para o centro da narrativa o universo da subalternidade, povoado de mendigos, marginais e favelados, muito deles trabalhadores, mulheres e homens honestos, vítimas da apartação social que recai sobre os desvalidos.

É justamente o que vemos em *Ponciá Vicêncio*, na obra Conceição evidencia os diferentes tipos de violência (física e simbólica), sofridos pela protagonista, Ponciá Vicêncio, que intitula o romance e por outras personagens femininas da narrativa.

Conceição através das suas personagens desvela a violência sofrida por mulheres negras em diferentes contextos da sociedade.

As personagens de Conceição Evaristo explicitam todo o tempo o seu pertencimento a um grupo social que tem na pele a cor da exclusão, não importa se crianças, donas de casa, empregadas domésticas ou mulher de bandido: a angústia e o sentimento de injustiça são sempre os mesmos. (DUARTE, p. 148)

Ao passo em que essas personagens representam também uma massa bem maior, dos afrodescendentes de modo geral.

Evaristo segue a tradição da literatura negra da diáspora, que impele os autores a falarem por si e por seus irmãos de cor, historicamente emudecidos por sua condição de remanescentes da escravidão. Identifica-se, portanto, com o programa que atravessa a escrita afrodescendente [...] (DUARTE, 2005).

Entendemos, então que essa violência que é atrelada a Ponciá Vicêncio é resultante de uma visão social bem maior. A personagem Ponciá Vicêncio é vítima de diferentes tipos de violência, além das diversas perdas que a personagem sofre no decorrer da narrativa.

Ao observamos a violência sofrida por mulheres negras na obra, apontaremos essa violência em dois segmentos: a violência física e a violência simbólica.

Veremos, inicialmente, a violência acometida à personagem Ponciá Vicêncio. A protagonista do romance passa por grandes perdas. Perdeu o pai, os avós (sendo que a vó foi assassinada pelo avô), a perda dos sete filhos consecutivamente, o distanciamento da mãe e do irmão, resultaram numa perda de si mesma, o que de certa forma, influenciou para que houvesse as violências físicas do marido para com ela. E no decorrer da narrativa é alvo de violência física e simbólica.

Vale aqui citar Pierre Bourdieu, a respeito da violência simbólica.

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 1999, p. 7-8).

Ou seja, as agressões que Ponciá sofria, mesmo quando não deixavam marcas em seu corpo, abriam-lhe feridas íntimas na personagem, que colaboravam para que ficasse cada vez mais perdida dentro de si e em suas memórias passadas.

Outro fator que contribuía para a dor da personagem era o fato do insucesso ao tentar ser mãe. Quando criança Ponciá sonhará em tornar-se mãe, agora desesperançava-se disto ocorrer. E de certa forma via a privação do companheiro em ser pai:

A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho. (EVARISTO, 2003, p.53).

Haja vista esse conflito ocorrido por não concluir com sucesso uma gestação, podemos dizer que Ponciá é agredida simbolicamente. Segundo Bourdieu, “[...] ao entender ‘simbólico’ como oposto do real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente ‘espiritual’ e, indiscutivelmente, sem efeitos reais [...]”. (BOURDIEU, 2010, p.46).

Outras questões também geram a violência simbólica dentro da narrativa, como: as atividades domésticas que passam a ser mal realizadas pela protagonista, o distanciamento entre ela e o marido acarretado por isso, o que gera as exigências e apontamentos dos vizinhos em forma de cobrança à Ponciá.

Ele sentia saudades da outra Ponciá Vicêncio aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. Ela que antes era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo. [...] Não, ele também não estava feliz. Pensava então, em amenizar o sentimento dele um pouco. Poderia pelo menos tornar a casinha dos dois um lugar prazeroso de viver. Mas que prazer, onde morava o prazer? Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? [...] Ia criar coragem de mudar tudo. Hoje, agora! Mas, quando dava por si [...] Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora enquanto ia e vinha no tempo cá dentro do seu recordar. (EVARISTO, 2003, p.55)

O trecho acima nos serve como representação dessa violência simbólica que é a causa de tanta dor interior. Podemos ver que a esterilidade de Ponciá é a causadora de fortes dores e traumas na protagonista. Visto que, a sociedade sempre atribuiu e exigiu à mulher o papel de ser mãe. No período colonial, a mulher estéril era considerada socialmente inútil, já que deixa de cumprir um papel social. Por não procriar e não dar continuidade a sua espécie era encarada como doente e anormal.

A respeito dessa esterilidade feminina, Del Priore afirma que:

A necessidade mística de progeneração atingia em cheio as mulheres. Comparadas a terras estéreis, humilhadas pelos companheiros e pela comunidade, associadas a mulas – animais que estéreis geneticamente eram conduzidas pelos padres, estes estéreis (pelo menos teoricamente) por vocação –, a esterilidade feminina era vivida como uma tara ou um contrassenso. Ao inverter o ciclo das gerações, interrompendo as linhagens, contrariando os ciclos agrícolas e a natureza, à qual seu ciclo vital deveria comparar-se, a mulher estéril deveria ter seu corpo “entupido”, fechado e prisioneiro de forças estranhas (DEL PRIORE, 2009, p. 147).

Essa humilhação é sofrida pela personagem, ao ponto em que gera sete filhos, mas nenhum nasce com vida, todas sete são gestações que não sucedem. Esses sete abortos contribuem para que o parceiro de Ponciá a veja como incapaz. Essa incapacidade a torna, naquele contexto, inferior, por não gerar filhos. E a própria Ponciá tem consciência disso, pois quando criança almeja, um dia, tornar-se mãe.

Logo, o fato de Ponciá não gerar filhos, não dar continuidade a prole do marido, juntamente com a mudança de comportamento que ocorre no decorrer da narrativa, torna-se alheia a tudo, trabalho, cuidados com casa contribuem para que a violência se vá além do simbólico. O que reforça a ideia socialmente construída de que a mulher exista em função do homem, para satisfazer os desejos masculinos e servir de procriadora. Vivendo a mulher em segundo plano.

Vale citar Octavio Paz, a respeito das diferenças existentes entre o homem e a mulher:

A mulher sempre foi para o homem ‘o outro’, seu contrário e complemento. Se uma parte do nosso ser deseja fundir-se nela, outra, não menos imperiosamente, a separa e exclui. A mulher é um objeto, alternadamente Bprecioso e nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até mesmo seu amor lhe ditam, o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a sobrevivência, a mulher e o ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma (PAZ, 1992, p. 177-178).

A violência ultrapassa o plano simbólico e culmina na violência física. O marido passa a descontar em Ponciá suas frustrações:

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem nenhum centavo para realiza tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. (EVARISTO, 2003, p.96).

O fragmento acima é exemplo da agressão física que é sofrida por Ponciá Vicêncio. Mesmo sem nenhum motivo que justificasse as agressões o cônjuge de Ponciá despejava sobre ela uma violência gratuita. Muitas vezes ele associava essa agressão às ausências de si mesma que ocorriam à Ponciá:

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. [...] Ao ver a mulher alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo seu nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio (EVARISTO, 2003, p. 19-20).

O marido de Ponciá por não entender essa ausência/desatenção da esposa, enxerga a situação como descuido dela com o cuidado com a casa (roupas por lavar, a desarrumação), isso juntamente com o diálogo, praticamente, inexistente entre eles, gerava essa agressão física. Na qual o maltrato, as humilhações eram vistas por eles como uma forma de rompimento do silêncio.

A violência sofrida por Ponciá denuncia a posição do marido, e de certo modo a impotência da protagonista para com a situação. Porém, mostra ainda que ela tem total ciência e revolta daquela situação, embora na revidasse a nada naquele momento, seus movimentos deixavam claro: “Ela lhe devolveu um olhar de ódio” (EVARISTO, 2003, p. 29), “Engoliu a raiva a seco junto com o silêncio”. (EVARISTO, 2003, p. 24)

É importante salientar aqui que, o companheiro de Ponciá não é retratado na obra como um completo vilão. Mesmo com essas passagens de agressões à esposa, Evaristo preocupa-se também em mostrar o lado humano e vítima de um sistema social. Não de modo a justificar essas agressões. Mas o mesmo não compreendia o que a mulher estava passando, como o tempo ele associou o distanciamento dela a alguma doença. E arrependia-se das agressões:

Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em mata-la, mas caiu em si assustado. Foi ao pote, buscou uma caneca d’água e limpou arrependido e carinhoso o rosto da mulher. [...] E desde esse dia, em que o homem lhe baterá violentamente, ela se tornou muda. Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais se ausentava. (EVARISTO, 2003, p. 96).

O marido de Ponciá após entender seus problemas, compreender que aquele apartar-se de si mesma era algo involuntário a ela, findou então com qualquer tipo de violência contra ela.

Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer sangrar-lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela. [...] Percebeu como eram sós. [...] Desde então, ao perceber a solidão da companheira e a sua própria, o homem viu a mulher o seu semelhante e tornou-se de uma ternura imensa por ela. (EVARISTO, 2003, p.109).

A partir do momento em que o homem tomou conhecimento dos problemas da mulher, mesmo que de forma ingênua associando-os a encosto, ele pode sensibilizar-se e ver que a solidão dela era solidão de ambos. Percebeu que só tinham um ao outro naquele momento, e passou a cuidar dela.

Cabe evidenciar também as questões de violência domésticas que ocorriam também no momento em que Ponciá renuncia à questão sexual, que era limitada a corpo-pernas e que “Nem no tempo em que se conheceram [...] Ponciá conseguiu abrir para ele algo além de seu corpo-pernas. [...] Muitas vezes nem o prazer era repartido”. (EVARISTO, 2003, p. 44).

Nota-se que Ponciá tolera sem hesitar as ações do marido, pois tem consciência de que ambos vivem nas mesmas condições, sobrevivem sem dignidade:

Olhou para ele, que havia assentado na cama imunda, e se sentiu ainda mais desgostosa da vida. [...] comia sentado na cama, com a lata na mão. O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra. Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água. [...] Abandonou a lata com o resto de comida no chão. (EVARISTO, 2003, p. 24-25).

Mesmo com as agressões cometidas a Ponciá podemos ver que ela não atribui culpa ao marido. Ela percebe que ele também é uma vítima do sistema econômico e social, exposto na precariedade em que viviam. Uma realidade das condições as quais milhares de pessoas sobrevivem em periferias brasileiras.

De acordo com Cardoso & Silva (2016):

[...] Ponciá é maltratada pelo marido [...] física e simbolicamente. Resultante em um isolamento cada vez maior, o que faz a personagem buscar explicações sobre a sua existência, e na procura de entender a relação consigo mesma e com os demais.

E mesmo com essas violências, a protagonista acusa ou culpa o marido por isso. Como não submetesse a isso a vida inteira. Termina junto de sua família, livre de violências.

Apontaremos agora as questões de violência sofrida pela personagem Bilisa, através dessa personagem Conceição Evaristo usa de grande sutileza e sensibilidade para através da literatura abordar questões de violência simbólica, física e ainda sexual da mulher negra.

Os caminhos que, muitas vezes, são impostos às mulheres negras as levam a situações de imposição social exploratória e desvantajosa.

A personagem Bilisa, assim como Ponciá, viera da roça com intuito de trabalhar e juntar dinheiro para comprar uma casa e poder ir buscar sua família, proporcionando melhores condições de vida aos seus familiares. Logo que chegou à cidade, também trabalhou como empregada doméstica, sendo, ainda, usada sexualmente pelo filho da patroa, além de ter seus bens, embora escassos, furtados.

Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Bilisa se desesperou. Ninguém entrava no quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro [...] O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Bilisa era tão limpa e parecia tão ardente [...] (EVARISTO, 2003, p. 98).

No fragmento citado, é possível vermos a submissão que era imposta a Bilisa. A personagem se submete a se deitar com o filho da patroa e ainda é roubada por ele. Evidenciamos assim, a exploração não só do trabalho como sexual. A patroa de Bilisa se sente ofendida com a suspeita que recai ao filho, porém em momento algum se importa com o fato do filho aproveitar-se sexualmente da empregada. “Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido [...] que incentivasse o filho à investida”. (EVARISTO, 2003, p. 98). Desse modo, vemos a posição da patroa de Bilisa ao incentivar o filho a se aproveitar sexualmente da empregada, que se assemelha ao período escravocrata, no qual a mulher negra é constantemente violentada por seus senhores. Conceição aborda essa violência em contexto urbano e enfatiza esse tipo de exploração de forma atual.

Conforme, a antropóloga Jeni Vaitsman² a dominação masculina e submissão feminina surgem a partir do momento em que surge uma cultura em que mulher é vista como objeto de troca e que o homem é o detentor desse poder de troca. O nascimento da opressão feminina surge em paralelo a essa cultura. Logo, quando Bilisa aceita deitar-se com o filho da patroa é como se ela estivesse servindo de moeda de troca, a forma de pagar um favor aos brancos por empregarem uma negra. Logo, é vítima também de uma violência simbólica, que deixam rasuras em seus sentimentos, além de física pelo ato.

Bilisa não cede mais continuar trabalhando para aquela família e a única solução que lhe parece possível é a prostituição. Aqui Evaristo evidencia as injustiças podem levar as mulheres negras. Foram tiradas dela as economias de uma vida, ficando sem abrigo ou

² In: STRINGHINI, Viviane C. M. Heranças da escravidão na narrativa *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, 2010.

trabalho. Segundo Stringhini (2010) Através da personagem Bilisa, Evaristo denuncia a exploração da mulher negra e seus estereótipos que a identificaram: doméstica e prostituta.

Ao trabalhar na zona de prostituição, Bilisa continua a ser explorada. Novamente, muito trabalho e pouco dinheiro.

Quando Luandi conheceu Bilisa, já havia cinco anos ou mais que fazia vida na zona e não conseguia juntar ainda dinheiro algum. Ganhava muito, era famosa, mas gastava muito também. O dinheiro era repartido com a dona da casa e com Negro Climério, que era protetor dela e de outras. (EVARISTO, 2003, p. 99).

Essa dependência que Bilisa passa ter de Negro Climério caracteriza além da exploração financeira, a violência simbólica que aparece através da opressão psicológica que Negro Glicério exerce sobre a personagem.

É possível percebermos ainda, a essa violência, ao passo em que ao se apaixonar por Luandi e ambos planejam a saída de Bilisa da zona ela teme a reação de Climério Nesse contexto é trazido à tona todo desejo dela de mulher de construir sua família e um lar com Luandi:

Estava quase chegando o momento de poder comprar um barraco e tirar Bilisa-estrela da zona. Ela queria ir com ele. Estava gostando dele e, além do mais, estava cansada das explorações de Negro Climério e da cafetina.[...] Quando ele voltou, teve uma surpresa. Ela começou a abrir alguns embrulhos: eram panos para fazer lençóis, toalhas, fronhas, tudo o que fosse preciso. Tinha linhas coloridas, agulhas, enfeites. Ela queria prepara tudo, dizia que ia fazer um lindo enxoval. [...] Mas, em meio a tanta alegria, Bilisa estrela revelou um temor. Havia uma pendência e ela não sabia como resolver. Negro Climério. O homem era um perigo. (EVARISTO, 2003, p. 111-112).

Essa pendência vem culminar no mais elevado nível da violência física, o assassinato. Conceição Evaristo apresenta o ocorrido de forma sutil e cuidadosa dentro da obra:

Ao se aproximar do casarão, Luandi cruzou com Negro Climério. O homem, ao avistá-lo, abaixou a cabeça e apressou o paço como se quisesse correr. Do casarão alguém chamava por Luandi com gestos aflito, enquanto que, da janela de Bilisa, outros acenavam para ele e para negro Climério. [...] Olhou para trás, Negro Climério já havia desaparecido. [...] Luandi correu em direção oposta, alcançando a porta do casarão. Num segundo estava no quarto de Bilisa. E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver sua Bilisa-estrela, toda ensanguentada, se apagando. Negro Climério havia matado a moça. (EVARISTO, 2003, p.113).

Vemos a sensibilidade que Conceição Evaristo enfatiza o assassinato da personagem Bilisa, a dor e sofrimento que é narrada na construção da cena de um crime contra mulher negra.

Podemos notar que essa é uma das personagens apresentadas com o mais alto teor de conflito dentro da trama. Além da exploração do trabalho, sexual e violência física e simbólica sofridos pela mulher negra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender a carga representativa que Conceição Evaristo atribui as suas personagens, mulheres negras, em seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*. Como também compreender como a literatura pode ser utilizada por autoras negras, como meio de representação de si mesma e de seu povo.

Assim como abarcou o processo de inserção da mulher na literatura brasileira, tanto a mulher negra personagem, quanto a negra produtora de uma literatura voltada para as causas negras, a exemplo da própria Conceição Evaristo que é sem dúvidas uma das principais autoras contemporâneas, que a cada dia torna-se mais conhecida, com publicações no exterior, é constantemente homenageada.

Logo, para atingir a compressão acerca dessa representação do feminino negro dentro da obra, abordamos na obra: gênero e Violência. Essas temáticas que abordamos são frequentemente presentes nas obras da autora Conceição Evaristo e estão interligadas em *Ponciá Vicêncio*.

Inicialmente, abordamos como se deu o processo de inserção da mulher negra literatura, tanto personagem quanto produtora. Fazendo uma *Breve contextualização das escritoras negras na literatura brasileira*. Percebemos que as personagens negras, em nossa literatura, somente passaram a ser representadas de modo a considerar suas identidades, no momento em que iniciou-se uma produção literária de autoria feminina e negra. Pois, como vimos antes dessa produção ter-se iniciado as personagens femininas presentes nas obras de escritores brancos, não condiziam com realidade dessas mulheres, eram basicamente associadas às questões de corpo, tidas como objetos.

Mesmo em meio às dificuldades e preconceitos em nossa sociedade, muitas autoras negras conseguiram e estão constantemente conseguindo uma afirmação dentro da literatura, desde a publicação de *Úrsula(1859)* a produção literária feminina negra, voltada para realidade do negro em nosso país, muitas vezes abordando o contexto da escravatura, pós abolicionismo e contexto urbanos como a realidade do povo negro nas favelas brasileiras, está constantemente em expansão.

Com a autoria feminina e negra, essas mulheres conquistaram espaço para uma autorrepresentação, não mais aparecendo nas páginas de nossa literatura como seres sem vozes, em uma realidade difusa, sem representação. Passaram a produzir uma literatura engajada na causa negra, a produzir sua própria literatura, uma literatura não sobre a mulher negra e sim, uma literatura assumidamente negra, voltada para a representação de sua história e das histórias de seu povo.

É justamente o que vemos em *Ponciá Vicêncio* (2003) vimos através do olhar da mulher negra, o cotidiano de outras mulheres negras, enfatizando a realidade destas no contexto do pós-abolicionismo.

Em seguida abordamos escriturais: gênero em Ponciá Vicêncio. A ideia de escrever a partir de seus relatos e suas vivências, assim a autora afro-brasileira escreve através de outra afrodescendente impregnando suas memórias pessoais e coletivas. De modo a abordar a vivência e o papel desempenhado por mulheres negras no romance. Ao passo que vimos questões de gênero e identidade da mulher negra na obra, para tanto observamos os pontos de maior relevância identitária de cada uma das quatro personagens. Elencamos essas quatro personagens, Ponciá Vicêncio, Maria Vicêncio, Nênga Kainda e Bilisa, principais figuras femininas na obra e analisamos individualmente cada uma delas, apontando esses traços de maior representação dessas mulheres. Observando a construção da identidade e representatividade da mulher negra na obra.

Outro ponto elencado para melhor compreendermos a representação do feminino negro na obra são as questões de violência cometida contra mulheres negras em *Ponciá Vicêncio*. Vemos que a temática violência contra mulher negra é constantemente abordada nas obras das escritoras negras, pois em sua maioria, essas obras representam as problemáticas do cotidiano dessas mulheres. E é também a partir da autoria feminina negra que surgiu na literatura brasileira, de fato, o tema da violência física, visto que era presente em nossa até então, evidências da violência simbólica.

Em Ponciá Vicêncio essa violência é sofrida, principalmente pela protagonista Ponciá Vicêncio e pela personagem secundária Bilisa, as personagens são vítimas, além da desigualdade social, opressão e exploração, da violência física e simbólica.

Na personagem de Ponciá Vicêncio vemos que a violência física e simbólica contribui para uma mudança no comportamento da protagonista, assim como para alteração da identidade da mesma. A violência simbólica vem a culminar na violência física através das constantes agressões cometidas nela.

Assim como a personagem Bilisa. Ela é vítima de uma sociedade totalmente desigualitária e sexista. Sofre com a violência de gênero, além da exploração financeira e sexual. Através dessa personagem é mostrado ao mais elevado grau da violência física.

E importante ressaltar que mesmo com essa violência as personagens não se inferiorizam e sim se reconstroem cotidianamente.

Finalmente, em *Ponciá Vicêncio* (2003) a autora Conceição apresenta as personagens em contexto real, abordando questões e problemáticas do cotidiano das mulheres negras. Evidencia personagens que mesmo em contexto de desigualdade e desvantagem, não desistem e buscam sempre melhorias de vidas.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. **Feminismo negro: sobre minorias dentro da minoria**. Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>. Acessado em: 01 de dezembro de 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Representações da mulher negra na literatura brasileira**. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf> . Acessado em: 30 de setembro de 2018.
- CORTÊS, Cristiane. **Diálogos sobre escrevivência e silêncio**. In: *Escrevivências: Identidade, gênero, violência na obra de Conceição Evaristo* (org.). Belo Horizonte. Editora Ideia; 2018.
- DEL PRIORE, Mary. **A sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. In: DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, n.1, v.14, jan/abr. 2006, pp.305-308. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?> . Acesso em: 02 de novembro de 2018.
- DUARTE, Eduardo Assis. **Literatura e afrodescendência**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia>. Acesso em 03 de novembro de 2018.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil – Antologia crítica: história, teoria, polêmica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência.** In: Escrivências: Identidade, gênero, violência na obra de Conceição Evaristo (org.). Belo Horizonte. Editora Ideia; 2018.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face.** Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acessado em: 26 de setembro de 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte. Mazza Edições, 2003.

FARIAS, Angela Carla de; ARAS, Lina Maria Brandão. **Feminismo negro, feminicídio e a violência de gênero contra as mulheres.** Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID657_18062017180606.pdf . Acessado em: 19 de novembro de 2018.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** In: Revista Estudos Avançados. São Paulo; 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 Ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

MONTEIRO, Ligia Nogueira. **A representação da mulher na literatura brasileira.** Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/simposiufac/article/download/1010/592>. Acessado em: 28 de setembro de 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.** In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acessado em: 24 de setembro de 2018.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STRINGHINI, Viviane C. M. **Heranças da escravidão na narrativa *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**; 2010. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie04/art_06.php. Acessado em: 20 de setembro de 2018.

ZILBERMAN, Regina. **O romance brasileiro contemporâneo conforme os prêmios literários (2010-2014)**, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00424.pdf>